

MAZE, UM ARTISTA QUE PENHORA O CORAÇÃO EM CANÇÕES DE EVOLUÇÃO⁶³

MAZE, AN ARTIST WHO PLEDGES HIS HEART IN SONGS OF EVOLUTION

MAZE, UN ARTISTE QUI ENGAGE SON CŒUR DANS DES CHANSONS D'EVOLUTION

MAZE, UN ARTISTA QUE EMPEÑA SU CORAZÓN EN CANCIONES DE EVOLUCIÓN

Sofia Sousa

Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

RESUMO: Maze é o nome artístico de André Neves, que insere as suas produções artísticas no âmbito da street arte e da música urbana. É MC dos Dealema e também um pioneiro no que toca ao *graffiti* portuense e ao *hip-hop*. Na entrevista aqui apresentada, foi discutido o seu percurso artístico, mas também os impactos da COVID-19 nos processos de *music-making*. Paralelamente, também abordámos tópicos como a importância do uso das artes enquanto forma de inclusão social e redução de sentimentos de insegurança.

Palavras-chave: *music-making*, intervenção pelas artes, inclusão social, *hip-hop*.

ABSTRACT: Maze is the artistic name of André Neves, who inserts his artistic productions in the field of street art and urban music. He is MC of Dealema and also a pioneer of graffiti and hip-hop in Porto. In the interview presented here, we discussed his artistic career, but also the impacts of COVID-19 on the music-making processes. At the same time, we also addressed topics such as the importance of using the arts as a form of social inclusion and reducing feelings of insecurity.

Keywords: music-making, intervention through arts, social inclusion, hip-hop.

RÉSUMÉ: Maze est le nom artistique d'André Neves, qui insère ses productions artistiques dans le domaine du street art et de la musique urbaine. Il est MC de Dealema et aussi un pionnier du graffiti et du hip-hop à Porto. Dans l'entretien présenté ici, nous avons discuté de son parcours artistique, mais aussi des impacts de COVID-19 sur les processus de création musicale. Dans le même temps, nous avons également abordé des sujets tels que l'importance d'utiliser les arts comme une forme d'inclusion sociale et de réduire les sentiments d'insécurité.

Mots-clés: music-making, intervention par les arts, inclusion sociale, hip-hop.

RESUMEN: Maze es el nombre artístico de André Neves, que inserta sus producciones artísticas en el ámbito del arte callejero y la música urbana. Es MC de Dealema y también pionero del graffiti y el hip-hop en Oporto. En la entrevista que presentamos, hablamos de su carrera artística, pero también de las repercusiones de COVID-19 en los procesos de creación musical. Al mismo tiempo, también abordamos temas como la importancia de utilizar las artes como forma de inclusión social y de reducir los sentimientos de inseguridad.

Palabras-clave: music-making, intervención por las artes, inclusión social, hip-hop.

⁶³ Esta entrevista insere-se no âmbito de dois projetos de investigação. O primeiro intitulado "Music-making and COVID-19", que se materializa numa investigação colaborativa entre a Austrália, o Reino Unido e Portugal, e que visa perceber os impactos da pandemia no processo de music-making de jovens artistas. O segundo refere-se ao projeto CANVAS – Towards Safer and Attractive Cities: Crime and Violence Prevention through Smart Planning and Artistic Resistance, foi apoiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização COMPETE 2020 e do financiamento de projeto POCI-01-0145-FEDER-030748.

1. *Era tudo para ontem, vivia impaciente*⁶⁴: música, *music-making* e a pandemia

Sofia Sousa: Achas que me consegues descrever o teu percurso no mundo das artes, mais concretamente na música?

Maze: Então, a minha ligação com a música, como toda a gente, vem sempre da infância. É alguma coisa com a qual não podemos viver sem. Lembro-me de na minha infância ter uma ligação aos discos de vinil dos meus pais, era um objeto muito interessante para mim e adorava aquilo, manipulava-os. Essa foi a primeira ligação e que me foi acompanhando no meu crescimento, sempre numa perspetiva de ouvinte e não comecei cedo a tocar nenhum instrumento. Tinha aulas de música normais na escola, preparatória e secundária, as aulas de educação musical. Mas sempre tive gosto pela música, e gostava de ouvir música, então ali mais ou menos na adolescência despertou-me um interesse especial e comecei a consumir música regularmente. Um bocado de tudo, mas especificamente *rap*.

Sofia Sousa: Foi aí que se deu aquele “clique” como habitualmente se diz?

Maze: Nessa altura em Portugal a música era mesmo um *hobby*. Dizias a alguém que eras músico e as pessoas não te viam com bons olhos ou perguntavam o que fazias mesmo porque pouca gente vivia da música. Ou estavas na televisão e eras conceituado e com visibilidade ou não eras músico e ias fazendo alguma coisa, mas era um *hobby*. Mesmo para as famílias dos músicos nesses anos, nos anos 90, era uma coisa muito “ah ok é um passatempo, é uma fase”, não era propriamente uma opção de vida ou uma carreira, porque as áreas artísticas em Portugal sempre foram muito difíceis e uma batalha enorme viver ou sobreviver dessa criatividade.

Sofia Sousa: E foste tendo outros trabalhos para alimentar a música?

Maze: Então desde esse período fui tendo vários trabalhos para alimentar a música, trabalhei em lojas de roupa, fiz trabalhos esporádicos em que fazia *part-time* nas áreas de atendimento ao público, trabalhei numa loja de discos e aí foi o trabalho que me alimentava a música e que estabelecia uma ligação direta com a música e preenchia-me bastante. Fui fazendo trabalhos a partir desse momento sempre em torno da música, como *roadie* de bandas, organização de eventos, promotor ou cheguei a fazer rádio durante muitos anos também. Arranjei aí áreas satélites à música para conseguir não divergir muito e continuar a ser músico e a conseguir pagar contas. Esse processo prolongou-se desde aí, não-profissionalmente comecei a fazer música antes dos 18, mas de forma profissional foi da maioridade até agora que tenho 41 anos.

⁶⁴ Excerto da música “Tu consegues tudo”, que integra o álbum “Sinceramente Porto” (2020) produzido por Keso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GFqnjNrBm5o&ab_channel=Paga-lheoQuartoRecords

E continuo basicamente no mesmo registo porque o país não mudou muito e as circunstâncias também não, é uma luta da sobrevivência e há períodos em que se consegue trabalhar e dar concertos e ganhares a tua vida da tua criatividade e da tua obra, mas há momentos em que isso não é possível e tens de arranjar alternativas e o português é bastante bom nisso. Os músicos que ainda permanecem ativos é porque arranjam maneiras de ter trabalhos alternativos, e na minha geração isto é transversal. Ou nasces com dinheiro de família e tens dinheiro que te pode sustentar essa profissão e não esperares sobreviver dela, ou então tens de arranjar alternativas para a manter.

Sofia Sousa: Ainda sentes essa necessidade?

Maze: Sempre, nunca me conheci de outra forma sabes. A música e as lições que a música me deu são de que isto é um meio com altos e baixos, tens sempre ciclos e então tens um disco que podes estar a tocar e a ganhar dinheiro, mas no ano seguinte já não tens e já não pagas a renda nem comida. Isto é uma flutuação deste nível em que estás bem ou já não estás, tens de ter sempre uma alternativa e no meu caso há muitas pessoas que não e que são só músicos, mas eu sou um artista multidisciplinar. Eu pinto, escrevo poesia ou escrevo literatura, eu vou-me dedicando a várias coisas porque se fosse só à música, principalmente neste período em que os músicos não trabalham, não podem apesentar-se ao vivo que é de onde vem o dinheiro neste momento. É assim, ou tens muita visibilidade e ganhas dinheiro digital a sério quando tens milhões de visualizações e escutas nas plataformas, só nesse canto e quando estás nesse patamar é que consegues sobreviver bem da música, sem tocar, senão estás sempre dependente das atuações.

Sofia Sousa: Atualmente, em que projetos musicais estás envolvido?

Maze: Estou com os Dealema que é a minha banda desde 96, continuámos como banda e não temos estado muito ativos enquanto banda, mas a solo continuámos com os nossos projetos e com cada um a produzir coisas. Tenho estado dedicado mais à minha carreira a solo neste momento, tenho feito alguns trabalhos e tenho feito principalmente trabalhos colaborativos com outros produtores e estou a trabalhar em vários álbuns, num só meu e produzido por mim, mas também em alguns com produtores diferentes, um com instrumentistas, e outro disco. Lancei um disco recentemente com o Loader, um caminho completamente diferente e são bases com *drum'n'bass*. Vou sendo assim versátil e vou experimentando caminhos novos. Desde sempre que fiz colaborações e todos os anos lanço sempre colaborações com outras bandas e outros artistas e o Keso também era inevitável, eu vi-o crescer na música, então vou colaborando, até porque tens pessoal que mantém a chama acesa do underground e que vive com dificuldade, mas que precisa da canção para o manter ativo.

Sofia Sousa: Como é que te vês enquanto artista? Consideras ser músico profissional?

Maze: Eu já fui profissional, era o que eu fazia e quando me perguntavam eu dizia que era músico. Neste momento, de algum tempo para cá e acho que principalmente por causa desta pandemia, a minha ótica tem mudado um bocado e já me vejo de outra forma e acho que vou-me ver mais como um poeta do que músico. A palavra ganhou predominância na minha obra, tornou-se mais importante do que a música nesta fase da minha vida e então eu acho que sou muito mais um escritor, um poeta, um filósofo, vejo-me muito mais nestas profissões do que como músico. Apesar de continuar a criar porque não consigo não o fazer, tenho de fazer música, mas se tu para seres músico profissional implica pagares as tuas contas e teres um rendimento físico do que tu crias, nesse caso não sou.

Sofia Sousa: Nesse sentido, quais achas que foram os principais impactos da pandemia nas tuas atividades artísticas?

Maze: O impacto foi enorme. Do ponto de vista das apresentações ao vivo que deixaram de existir e muito provavelmente não vão existir durante o próximo ano, apesar de haverem coisas esporádicas não são relevantes e ou tens um mecenas que paga os teus concertos, um clube noturno que tem dinheiro que quer investir ou a Gulbenkian que paga concertos, um ciclo, ou então não vais ter público suficiente para pagar um cachê e isto vai acontecer a conta-gotas e para muito poucos, normalmente são os mesmos que estão nos mesmos patamares de visibilidade. Para artistas independentes isto vai demorar muito mais a arrancar, então julgo que vou estar nesta situação sem tocar ao vivo, provavelmente até esta altura no próximo ano. Desse ponto de vista do atuar ao vivo, foi grave e teve consequências gravíssimas na minha economia e subsistência. Do ponto de vista criativo foi o contrário, vejo-me em casa e com disponibilidade para criar e então, tenho-o feito com muita mais frequência do que o que eu fazia antes de isto ter acontecido, foram meses muito produtivos em que criei bastante e fiz bastante música e tenho bastante música para lançar, que o farei digitalmente, mas não apresentarei.

Sofia Sousa: Consideras que a música te ajudou a enfrentar a pandemia?

Maze: Sim, a música é sempre catártica. É sempre um exercício de autoconhecimento e é sempre terapêutico o ato criativo de fazer música. É ótimo. Estando tu numa situação de isolamento, se isso te passar fatura que não é o meu caso, eu vivo muito bem na minha solidão criativa desde sempre, então não houve grandes alterações para mim o estar em confinamento ou não confinamento, gosto desse espaço de produção solitária. Desse ponto de vista não houve grande alteração, mas há um aproveitamento de certeza de que muita gente e muitos músicos que não estão habituados a estar tanto tempo sozinhos e que usaram a música como um veículo

terapêutico, eu próprio acabei por usar mesmo estando nessa minha zona de conforto, de repente tens muito mais espaços para olhar para dentro e para a solidão. Quando tens tempo e espaço para escavar, a criatividade é automaticamente diferente e vai refletir esse espaço.

Sofia Sousa: Presumo que no teu bem-estar também.

Maze: Inevitavelmente, essa tal terapêutica musical e essa catarse é quase criativo para além de ser o libertar de tensão e o libertares de ti coisas que têm de sair, qualquer criativo sente essa necessidade de não guardar emoções e não ter emoções presas dentro dele e liberta-as de uma forma criativa, só isso é muito terapêutico, mas também esse exercício de introspeção é o equivalente a uma ida ao psicólogo e tem mesmo efeitos positivos fazer música nesses períodos de vida ermita. A minha obra passa muito por isso, por querer ter essa marca, que a minha palavra fique a ressoar no outro e tenha algum efeito ou faça pensar, sentir, ou faça descobrir-se, então eu sou suspeito a responder a essa pergunta. É inevitável que isso não transpareça. Muita música criada nestes meses por muitos músicos vai ter um impacto diferente do que se esta circunstância mundial não tivesse acontecido, então a música responde à vida e a vida responde à música, e é dessa dialética que vamos vivendo, é inevitável.

Sofia Sousa: Houve algo que tenhas aprendido durante este tempo que achas que te será útil no futuro? Enquanto músico e criador?

Maze: Sem dúvida, claro que sim. Isso é um processo constante de aprendizagem. Eu acho que só faço música porque me obriga, como o meu trabalho é especificamente autobiográfico, a olhar para mim, então a música que eu faço transformam-me constantemente, quase que a faço para a ouvir depois, para me dizer coisas sobre mim a mim mesmo. Então, não só aos outros porque estou a fazer coisas para os outros ouvirem, mas são coisas que ressoam em mim e que depois se eu as ouvir, muitas deles são coisas que eu estou a dizer a mim mesmo e acabam por me transmutar no processo.

Sofia Sousa: Há pouco falaste que achavas que provavelmente no próximo ano não irias atuar, então pergunto-te se achas que a pandemia vai continuar a ter implicações na tua carreira?

Maze: Eu acho que a pandemia vai ter implicações graves na carreira de muita gente ligada à área artística, vai continuar a ter. Há muitos que vão começar a trabalhar mais do que outros, mas há um grosso do meio artístico que não vai funcionar, e nem estou a falar só de artistas, de técnicos também. Pessoal que trabalha em questões técnicas de espetáculo, de som e de luz. Esses não vão conseguir trabalhar muitos deles, então isto vai passar uma fatura grande e vai continuar a passar, é uma pena que não haja o apoio estatal devido como em outros países, aqui as artes são sempre no segundo.

plano. De facto, há uma situação crítica para muitos que não trabalham há meses. Eu estou preparado e consciente disso, o que acontecerá é que não vou conseguir apresentar-me ao vivo e isso vai ter consequências óbvias, e terei de arranjar alternativas de subsistência para não viver da Segurança Social que não sabes quando termina, que não é infundável.

Sofia Sousa: E quais achas que vão ser as tuas memórias daqui a dez anos? As memórias que terás por teres enfrentado a pandemia enquanto artista?

Maze: As minhas memórias mais vivas serão mesmo as obras. A obra fica e é intemporal, quando olhar para trás vou ter um pedaço de músicas e de discos que foram criados neste tempo e que vão saindo, vou olhar e vou perceber que foram feitos em certas circunstâncias e que só aconteceram por causa delas. Então, acho que isso vai ser a principal memória, espero eu que não seja uma questão ou uma cicatriz emocional, que não chegue a esse extremo de olhar para trás e dizer que passei tempos difíceis enquanto músico e ser humano para sobreviver a uma catástrofe, porque não podia fazer o meu trabalho e espero que isso não aconteça, por isso é que arranjo fórmulas para que isso não aconteça.

2. Toco almas com palavras⁶⁵: o trabalho voluntário, os jovens e as artes

Sofia Sousa: Focando-nos nos bairros sociais, consideras que as artes podem ser uma via para a integração e intervenção social dos jovens?

Maze: Acho fundamental. Voltámos quase à mesma questão acerca da música, não é só a música que é terapêutica, a arte é essencial à vida e devia ser promovida de forma a ser oferecida gratuitamente a quem não tem possibilidade de a comprar. Então, é fundamental tu levaras a arte a essas comunidades que estão guetificadas e presas sobre elas próprias, que não têm acesso a mais nada e são vidas feitas naquele local. Quando chega algo do exterior traz cor e ânimo às pessoas. Julgo que tem acontecido esporadicamente, mas é cada vez mais recorrentes intervenções de *graffitis* e de arte urbana. Às vezes alguns concertos promovidos pelas autarquias ou *workshops* que levam a arte à juventude e a essas comunidades, eu continuo a ver essas questões como muito pontuais e mínimas, porque existe muita gente a viver segregada e a viver em comunidade, em bairros sociais, e a viverem pessoas que têm de ir trabalhar o dia todo para a cidade e que depois regressam ao bairro, os filhos ficaram lá o dia todo em vidas complicadas, muitos deles a venderem droga ou em circunstância sociais difíceis e precárias. Seria fundamental poderem canalizar o seu tempo de uma forma diferente. Primeiro estão a fugir a montes de comportamentos de risco e depois vão potenciar-se enquanto seres humanos, vão-se poder cumprir.

⁶⁵ Excerto da música “Viva” (2019) de Maze. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wzSIIt-nRuk&ab_channel=MazedIm

Sofia Sousa: Achas que as artes são descuradas?

Maze: Sim, de certo modo sim. Se a arte for estimulada desde muito cedo em alguém...quer dizer toda a gente é criativa e se for estimulada na infância e se for cultivada ao longo do processo de vida, vai descobrir qual é a sua arte, seja ela qual for: pintar, escrever, música ou matemática. Estamos a falar de uma arte abrangente e lata, cada pessoa tem uma missão e uma coisa que é boa a fazer, isso só precisa de estímulo e quantos mais existirem, é claro que as pessoas que têm a capacidade de terem vidas mais fáceis, têm estímulos em casa e na escola, vão tendo estímulos sociais diferentes, na televisão, entre outros. Vão sendo estimuladas de alguma forma, essas pessoas que não têm essa possibilidade os estímulos não chegam lá, e é mesmo importante e fundamental. A meu ver, algumas destas iniciativas começam a acontecer, de arte urbana e de tentar que a música urbana chegue aos bairros, são manobras de testar um público, e a direção não é a certa e não há um objetivo educativo e real. Às vezes é só ir colorir o bairro que está degradado e dar uma maquilhagem neste bairro difícil, mas os problemas continuam lá e as pessoas têm os mesmos comportamentos, essa é a minha experiência de vida e de vivência em muitos bairros de Lisboa onde faço trabalho comunitário. As pessoas dizem isso, as próprias pessoas gostam, mas aquilo está ali para alguém ir ver, algum turista ir ao bairro fazer uma excursão de arte urbana porque o artista incrível foi lá e pintou o prédio, mas por dentro as casas são horríveis e têm problemas graves e as pessoas também, há aqui outros valores e essa profundidade com que a arte é levada ao bairro tem de ser diferente, não pode ser só superficial.

Sofia Sousa: Já que tiveste essas experiências, qual é a tua perspetiva sobre os sentimentos de insegurança e a criminalidade nesses locais? No Porto e em Lisboa também.

Maze: Isso é uma questão de sociologia, não achas? Foi a sociedade que provocou e que provoca isso constantemente, não há propriamente culpa naquelas pessoas que ali vivem e naquelas circunstâncias. Elas cresceram ali. Os bairros começaram a existir, isto é, os bairros operários e depois os sociais, temos os retornados e as pessoas foram-se juntando em comunidades, nomeadamente as comunidades ciganas, africanas e as pessoas precisavam de rendas baratas, então a opção social era a imediata. Isso foi crescendo assim, e estamos a falar de pessoas que vivem em precariedade desde sempre, de muitas gerações e que não conseguem sair desse loop porque é difícil. Então o problema não está nas pessoas.

Sofia Sousa: Achas que está no local? Nos espaços físicos e palpáveis?

Maze: O local é inóspito e são blocos de cimento, não é o ambiente mais agradável para as pessoas viverem em comunidade. As pessoas são o que são, são o fruto da educação que tiveram e de várias gerações, da escola, do que não tiveram, aliás é

isso que as molda. Dessa falta vem a necessidade de ter e quando não tens alternativas recorres ao ilegal, como uma medida fácil. Obviamente que vem a insegurança porque tens muita gente que vive em bairros sociais que rouba, trafica entre outras coisas porque não tem nem nunca teve alternativas e não aprendeu outras coisas, então esta questão vai sempre ter à educação, é sempre a educação. Os bairros sociais, a criminalidade e a insegurança são completamente culpa de um sistema governamental. A culpa é do governo e das pessoas que comandam, que controlam e que têm poder de decisão, que funcionam com o sistema educativo calcificado há séculos e que atiram areia para os olhos das pessoas, a comunicação social também é completamente controlada e são forças políticas que estão por detrás dos canais mediáticos. É um demonizar dessas comunidades, porque não as entendem e acham que o problema vem dali. O problema não vem dali, são só o fruto de uma árvore que foi plantada há muito tempo. Tens guetos em todo o lado, em Londres, Paris, Nova Iorque, bairros de lata na África do Sul. No fundo é uma questão de educação, uns têm muito, uns têm pouco e vamos ter sempre essa divisão. Não há igualdade nem equidade, há guerra social, uns querem ter porque não têm e outros têm e não querem perder e daí vem o medo, vem a insegurança.

Sofia Sousa: Onde é que já te sentiste inseguro?

Maze: Senti insegurança pura no Rio de Janeiro, na Lapa. Entrei numa rua e percebi que podia correr tudo mal a qualquer segundo e acho que foi o sítio mais inseguro onde já estive. Para te dar um exemplo que vai ao encontro disso dos bairros e das ruas, eu fui ao Brasil fazer trabalho comunitário, estive no Complexo do Alemão, na Cidade de Deus, em Santa Marta, estive em 4 ou 5 das piores favelas do Brasil onde podia ter sentido realmente insegurança e fui abraçado pela comunidade. Sentes tensão no ar e ouves histórias que não são boas, mas no fundo não senti insegurança. Fui sentir numa rua onde as pessoas saem para jantar e para se divertirem, então é mesmo isso, é o sítio às vezes.

Sofia Sousa: Onde ou em que situações achas que alguém se pode ser inseguro Maze?

Maze: É assim, eu acho que as cidades têm esses sítios porque existe essa desigualdade mais vincada, então em qualquer cidade tu tens sítios onde tens insegurança por mais política de policiamento que as autarquias tenham e as comunidades tenham, há sempre sítios de insegurança, mas o sítio onde tu podes ter mais medo é quando te encontras na solidão. Por exemplo, para mim é no meio de uma floresta e na escuridão. Muito mais do que no meio de uma cidade onde tens pessoas e a luz, aí sim tu sentes insegurança. É difícil relacionares-te com esse estado da natureza, na natureza.

Sofia Sousa: A solidão aqui pode ter várias manifestações, não é? Está em várias idades. Achas que afeta os jovens e que por isso contribui para o surgimento de outros problemas?

Maze: É cada vez mais frequente, eu vou estando atualizado e vou tentando manter-me jovem ao comunicar com adolescentes e percebo que há uma desorientação muito grande, então as pessoas chegam a um ponto em que deviam estar a tomar decisões porque são empurradas para isso, mas chegam ali e não sabem o que querem ou então nunca foram estimulados, voltámos ao mesmo. Não sabem o que é que querem, o mercado de trabalho não funciona, as pessoas não existem, há desemprego, mas não se veem a fazer um trabalho porque são crianças e porque muitos têm preguiça e isso é culpa delas. É porque estamos em frente ao computador, estamos a jogar, estamos a fumar erva ou outra coisa qualquer. Há uma anestesia geral social e então há crianças que são o fruto dessa anestesia há muito tempo e que nunca foram estimuladas e vêm-se nessas circunstâncias. Cada vez que vou a escolas vejo muitas dessas. Antes da pandemia fui fazer um *workshop* a Guimarães a escolas secundárias sobre o poder da palavra e percebi que havia muitos jovens que estavam na escola só porque sim, não tinham vontade, não tinham apelo de nenhuma matéria. Não gostavam de ler e não se viam a trabalhar, são pessoas que precisam realmente de uma orientação, mas alguns ainda estão a tempo e se falamos da adolescência ainda há uma reviravolta que pode ser dada. Eu sempre soube o que queria fazer e fui bem estimulado, mas tinha muitos colegas que não tinham interesses e continuam na mesma anestesia e na mesma vida anestesiada. Estão só a existir e sem algum interesse e alguma vontade porque nunca descobriram uma vocação, e não percebem que a vida funciona facilmente quando tu percebes que tens um interesse e te dedicas a esse interesse e isso dá-te prazer, então aí embrenhas-te nessas matérias e isso alimenta-te, aí descobres o que é que estás a fazer neste planeta.

Sofia Sousa: Nesse sentido, qual é que achas ser o papel da arte? Nesses processos de auto-descoberta, no desvendar de um propósito da vida?

Maze: Acho que a arte é fundamental. Acho que a palavra é fundamental também. A palavra, no meu entendimento, é pedagógica e funciona com crianças do ensino primário, que possuem um léxico básico, mas que responde às suas necessidades, como funciona com adultos. Eu tenho trabalhado a escrita criativa, porque acho que desbloqueia os jovens emocionalmente. Na verdade, acho que muitos jovens têm problemas na escola e nas suas vidas de modo geral por existir um bloqueio emocional, que foi causado por uma série de vivências. Então acho que a palavra é uma arma poderosa nesse combate.

Sofia Sousa: A última questão: o que achas que ainda falta ser feito em termos de intervenção junto dos jovens?

Maze: Falta tudo porque o sistema educativo está calcificado há séculos. É a única estrutura que não é alterada e por razões específicas, que é o controlo populacional e o controlo da sociedade, e isto não é nenhuma distopia de Orwell, vivemos todos neste sistema. É assim que funciona, então falta fazer tudo. Falta estimular as crianças, dizer-lhes que são livres e que podem criar, que podem fazer o que querem ou que se podem tornar em adultos que fazem que gostam, e que não têm de ser escravos de uma sociedade, que não têm de andar a correr atrás de um sistema capitalista que as obriga a produzir e consumir. Falta ensinar desde cedo às pessoas que as ansiedades que este sistema lhes provoca não têm que existir, que não faz sentido. Falta tudo, falta fazer uma reforma educativa geral.

Sofia Sousa. Licenciada e Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto. Bolseira de Investigação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto. E-mail: sasousa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3504-5394>

Receção: 11/07/2021

Aprovação: 12/07/2021

Citação:

Sousa, Sofia (2021). Maze, um artista que penhora o coração em canções de evolução. *Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 107-116. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/rp2